



# **CATARINA MALAGUETA**

*Cristina Porto*



Ilustrações *Lelis*

**ea**  
editora ática

*Catarina Malagueta*  
© Cristina Porto, 1998

Editor *Fernando Paixão*  
Editora assistente *Carmen Lucia Campos*  
Coordenadora de revisão *Sandra Brazil*  
Revisora *Luciene Ruzzi Brocchi*

ARTE  
Editor *Marcello Araujo*  
Editora assistente *Suzana Laub*  
Editoração eletrônica *Moacir K. Matsusaki*  
Ilustração do personagem Vaga-Lume *Eduardo Carlos Pereira*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
P881c

Porto, Cristina, 1949-  
Catarina Malagueta / Cristina Porto ; ilustrações  
Lelis. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 1999.  
136p. : il. - (Vaga-Lume Júnior)

Contém suplemento de atividades  
ISBN 978-85-08-07330-6

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Lelis,  
Marcelo. II. Título. III. Série

09-5853. CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 07330-6 (aluno)  
ISBN 978 85 08 07360-3 (professor)

2013  
1ª edição  
14ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1999  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# CATARINA MALAGUETA



Ai, minha Nossa Senhora de Pirapora!  
Do jeito que essa Ana Beatriz está provocando  
a Catarina vai dar encrenca das grandes!

Essa história de caipira pra cá e rabequeira  
pra lá está esquentando a Malagueta.  
E, além disso, a Ana é muito xereta...



Bom, na verdade, até eu estou ficando  
curioso. O que será que tem naquela maleta  
preta que a Catarina não larga nunca?



*Conhecendo*

## **Cristina Porto**



**Cristina Porto** nasceu e cresceu em Tietê, uma cidade paulista muito parecida com a de Catarina Malagueta. Aos 19 anos, veio para

a capital estudar Letras. Tornou-se professora e trabalhou em várias publicações infanto-juvenis antes de se dedicar à literatura. Hoje tem mais de cinquenta livros publicados!

Além de criar histórias, Cristina gosta de um monte de coisas: cozinhar, viajar, ouvir música, cantar e namorar. Se não fosse escritora, seria cantora lírica ou bailarina, mas fiquem tranquilos: ela adora escrever e não pretende parar tão cedo. 🐉

# Sumário

<b>1. As Beatrizes</b>	<b>9</b>
<b>2. O violoncelista romântico</b>	<b>10</b>
<b>3. A pianista sonhadora</b>	<b>11</b>
<b>4. O flautista das peladas</b>	<b>12</b>
<b>5. O doce mestiço</b>	<b>13</b>
<b>6. A caipira Pirapora</b>	<b>14</b>
<b>7. Um caso à parte</b>	<b>15</b>
<b>8. A decisão matutina</b>	<b>19</b>
<b>9. Ansiedade e conflito</b>	<b>20</b>
<b>10. Uma bagagem particular</b>	<b>24</b>
<b>11. A partida</b>	<b>26</b>
<b>12. A chegada</b>	<b>28</b>
<b>13. A caixa-surpresa</b>	<b>30</b>
<b>14. O dia D</b>	<b>31</b>
<b>15. A hora H no dia D</b>	<b>32</b>
<b>16. O professor da cidade das marionetes</b>	<b>36</b>
<b>17. Primeiras impressões</b>	<b>39</b>
<b>18. Primeiras reflexões</b>	<b>41</b>
<b>19. O grupo dos seis</b>	<b>43</b>
<b>20. Os preparativos</b>	<b>45</b>
<b>21. Kolya, Catarina e Esmeralda</b>	<b>48</b>
<b>22. Kolya e Catarina</b>	<b>49</b>
<b>23. Presente de amigo</b>	<b>51</b>
<b>24. O alegre reencontro</b>	<b>53</b>
<b>25. A música do segundo encontro</b>	<b>56</b>
<b>26. As histórias da música</b>	<b>59</b>

<b>27. Emoção e exaustão</b>	<b>63</b>
<b>28. A sessão da tarde</b>	<b>64</b>
<b>29. Um dia de novidades</b>	<b>66</b>
<b>30. O terrível pesadelo</b>	<b>69</b>
<b>31. Bola na boca do estômago</b>	<b>72</b>
<b>32. A bronca da tia</b>	<b>73</b>
<b>33. O efeito do choque</b>	<b>75</b>
<b>34. A ultrapassagem</b>	<b>76</b>
<b>35. O grande avanço</b>	<b>81</b>
<b>36. A reação do grupo</b>	<b>83</b>
<b>37. O encontrão</b>	<b>84</b>
<b>38. Um jantar especial</b>	<b>88</b>
<b>39. Romance no ar</b>	<b>89</b>
<b>40. O cardápio eslavo</b>	<b>92</b>
<b>41. A janela assombrada</b>	<b>93</b>
<b>42. As novidades da segunda</b>	<b>96</b>
<b>43. Riso e raiva</b>	<b>99</b>
<b>44. O retorno da caipira ilustre</b>	<b>101</b>
<b>45. O abacateiro</b>	<b>104</b>
<b>46. Os movimentos de junho</b>	<b>106</b>
<b>47. Preparativos finais</b>	<b>110</b>
<b>48. O grande dia</b>	<b>113</b>
<b>49. Acidente de percurso</b>	<b>114</b>
<b>50. O trágico sumiço</b>	<b>117</b>
<b>51. A agonia da espera</b>	<b>120</b>
<b>52. O cochilo providencial</b>	<b>122</b>
<b>53. Concerto em desconcerto</b>	<b>123</b>
<b>54. Fim de noite</b>	<b>126</b>
<b>55. A confissão</b>	<b>129</b>
<b>56. Comemoração</b>	<b>132</b>

*Para  
Mara e María que, entre caminhos de  
Espanha e Itália, ajudaram a conceber;  
Zé Roberto, que proporcionou a emoção  
da primeira gestação sonora;  
Carmencita, que ajudou a nascer.*



---

# 1 As Beatrizes



Em uma ruazinha calma, a das Camélias...

— Com roupa igualzinha à da Ana Beatriz eu não vou a esse casamento, mãe!

— É isso mesmo! Pelo menos a cor tem de ser diferente!

— Nada disso, Ana! Quero cor, modelo, cabelo, tudo diferente!

— O que foi que deu em você, Laura Beatriz?

— Deu que já enjoei de tanto ser confundida com a Ana, mãe! Já levei muita bronca sem merecer e passei muita vergonha sem precisar!

— Puxa, Laura! Quem ouviu você falar pensa que vivo aprontando por aí...

— Chega de bate-boca, meninas! Se não chegarem logo a um acordo, nada de roupa nova, nem de festa de casamento!

— Tá legal, mãe. Então escolha você... Se é pra comprar tudo igual, prefiro nem ir junto até a loja.

— Está bem, Laura Beatriz, está bem... Acho que você tem razão, mesmo. De hoje em diante, cada uma de vocês escolhe o que quer usar.

— Maravilha, mãe! Faça de conta que não somos gêmeas, tá?

— Só se ela nunca mais olhar pra nossa cara, né, Laura?

É, não deve ser nada fácil a vida de gêmeos idênticos... É como se um funcionasse como espelho do outro, você já pensou nisso?

Bem, no caso das nossas Beatrizes, Laura era a que mais se rebelava contra a tendência da mãe de querer que as duas estivessem sempre iguais. Quando pequenas, tudo era engraçadinho, bo-



nitinho, todo mundo parava as duas na rua... Mas agora, já adolescentes, não tinha mais cabimento continuar com essa história, mesmo porque, na maneira de ser, elas eram muito diferentes.

Isso não significava, porém, que entre elas não houvesse algumas afinidades. Pela música, por exemplo, ambas se interessavam, e muito. Só que, na hora de escolher os instrumentos, cada uma tinha sua opinião: Ana Beatriz foi para o violino, e Laura, para a flauta doce.

---

## 2 *O violoncelista romântico*



Do outro lado da mesma rua das Camélias, na casa da frente...

— Guilherme, saia dessa janela! Você já está aí há mais de meia hora olhando pra não sei onde e não sei quem!

— Ai, mãe, que susto! Precisava gritar desse jeito? Estou fazendo a digestão. Me deixe aqui, em paz, por favor...

— Tudo bem. Mas essa sua digestão só pode durar mais meia hora, ouviu bem? Meia hora! Depois você precisa estudar música!

“...Oba! Mais meia hora pra ficar pensando na Ana e na Laura, na Laura e na Ana, nas minhas duas ‘Beatrizes’! Que bom que decidi gostar das duas ao mesmo tempo! Também, eu nunca conseguia saber quem era uma e quem era a outra! Elas são tão parecidas e tão lindas! Tá certo que a Ana tem cara de ser mais brava, mais birrenta que a Laura, tão doce, tão meiga... Mas eu gosto das duas, o que vou fazer? Acho que nunca vou ter coragem de me declarar mesmo... Então, por que não manter meu duplo amor em segredo?”



Sempre às voltas com a mãe, que ficava em cima dele para fazer dieta e estudar violoncelo, Guilherme vivia suspirando, da janela da sala, pelas gêmeas da casa da frente, com quem, aliás, nunca tinha trocado mais do que meia dúzia de palavras...

---

### 3 *A pianista sonhadora*



Em outra rua tranquila, a dos Resedás, perpendicular à das Camélias...

— Taís, minha filha, já faz mais de três horas que você está aí, junto ao piano, esquecida da vida, do mundo! Por que não vem tomar um lanche e brincar um pouco com sua irmã?

— Não estou com vontade de comer nem de brincar, mãe. Quero tocar só mais um pouquinho...

— Igualzinha a avó Rosita!

— Ué, não é você mesma quem vive dizendo que eu herdei da sua mãe só as coisas boas?

— É, já vi que hoje não dá pra conversar. Fique aí com seu piano então... Eu desisto!

A mãe reclamava, sim, mas no fundo, no fundo, gostava e muito do jeito da filha. Tão parecida com a avó! Desde o tom louro-dourado dos cabelos, os olhos escuros e redondos de jabuticaba, as mãos finas, dedos alongados, feitos de encomenda para o teclado do piano, até o jeito meigo, ora comunicativo, espevitado, ora arredio, distante...

---

## 4 *O flautista das peladas*



Na rua das Magnólias, paralela à rua das Camélias e, portanto, também perpendicular à dos Resedás, em uma casa amarela...

— Gooooooooool! Gooooooooool! Três a dois, pai! Estamos ganhando! E de virada! É campeão! É campeão!

— Não cante vitória antes do tempo, Tomás! Ainda faltam quinze minutos pro jogo acabar.

— Ainda bem! — Era a mãe, passando pela sala em direção à cozinha. — Se vocês continuarem a gritar desse jeito, a vizinhança logo vai reclamar. E com toda a razão! Pena que você não se anime da mesma forma diante da flauta, Tomás...

— Ah, mãe, agora não, por favor! Deixe a gente ver o jogo em paz... É decisão de campeonato, você não entende?

Quando nervoso, Tomás gesticulava muito, evidenciando nos movimentos dos braços e das pernas compridas um ar ainda mais desajeitado. No entanto, quando estava defendendo seu time, como goleiro titular e absoluto, o panorama mudava completamente: o corpo alto e magro se alongava ainda mais, subia e descia, saltava de um lado para o outro, agarrando ou expulsando a bola com habilidade e elegância incomparáveis!

Já com a flauta transversal não apresentava a mesma performance, embora não se saísse de todo mal. Ele até que gostava de música, sim, mas tinha uma preferência declarada por futebol. Se tivesse de escolher, não teria a mais leve sombra de dúvida. Mas, fazer o quê? Seus pais, ou melhor, sua mãe havia condicionado a permissão para jogar futebol ao bom desempenho que ele apresentasse na flauta. Assim, como já diziam quase todas as avós, “o que não tem remédio remediado está”...

## 5 *O doce mestiço*



Em uma casa rosa, bem ao lado da amarela, na mesma rua das Magnólias...

— Mateus, se você ainda for demorar muito pra ajeitar esse cabelo, é melhor desistir do nosso programa!

— Já sei, mãe! Você pode me ajudar a fazer um rabo de cavalo?

— Rabo de cavalo para ir ao Teatro Municipal?!

— E por que não, mãe? O que é que tem de mais? Você quer que eu vá com ele solto, assim, deste jeito meio curto, meio comprido, cheio de pontas?

— Não sei por que você cismou em deixar o cabelo crescer! Fica tão mais bonitinho com ele curto!

— Acontece que eu não quero ficar bo-ni-ti-nho! Ah, mãe, se a gente começar a brigar outra vez por causa do meu cabelo vai acabar perdendo a hora do concerto! E eu não queria perder o solo daquele flautista alemão por nada deste mundo!

— Tudo bem, tudo bem... Vá passando o gel que eu vou buscar o elástico...

Filho de pai brasileiro e mãe chinesa, Mateus não precisava fazer nenhum esforço para ficar bonito: de pele clarinha, cabelos escuros, olhos levemente amendoados, maçãs do rosto salientes, boca larga e sorriso sempre aberto, chamava a atenção por sua beleza diferente e pelo jeito meigo e sedutor.

Bem, Tomás conhecia Mateus; Guilherme e as gêmeas também se conheciam. Viviam todos no mesmo bairro. Só que, apesar de morarem bastante próximos uns dos outros, os seis só vieram a se conhecer, de verdade, e a se tornar amigos quando resolveram estudar na mesma escola.



A Escola de Música “Chiquinha Gonzaga”, que ficava na praça da Primavera (pois nela só desembocavam ruas com nomes de flores), tinha voltado a funcionar depois de ficar fechada para reforma durante um bom tempo. Famosa pela qualidade do seu ensino, a escola sempre havia recebido alunos de várias partes do país e, às vezes, até do estrangeiro! E agora estava pronta para iniciar um novo ano letivo.

## 6 A caipira Pirapora



Era uma cidade pequena do interior, onde o jeito de falar, de se vestir, de se comportar era muito diferente do das grandes capitais. Mais aberta e comunicativa, essa gente do interior tinha o costume de cumprimentar todo mundo, puxar um dedo de prosa, jogar conversa fora, com aquele jeito manso e mole de falar, pronúncia arrastada, vogais bem pronunciadas...

Pirapora tinha uma praça ajardinada, com um coreto no meio, compondo o cenário para a saída dos fiéis da igreja matriz. Era nessa praça que os encontros mais importantes aconteciam.

Em uma ruazinha que dava para o largo da Matriz, vivia a família Alves Arruda, aliás, do velho Arruda “quebra-panela”... A história é a seguinte: havia dois ramos de Arruda na cidade, um de pessoas mais calmas, mais pacíficas, e outro de gente brava e esquentada, por isso mesmo chamada de “quebra-panela”.

Mas a nossa família Alves Arruda era, antes de tudo, musical. Podia quebrar panelas, sim, de vez em quando, mas o mais comum